



IMPRESA
OFICIAL/ES

DIÁRIO OFICIAL

EM PARCERIA COM A SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

www.dio.es.gov.br

Caderno

Ano II - nº 16

Vitória-ES

Julho de 2013

Bimestral



REVISTA DE CULTURA DO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

O cinema capixaba que arre pia

Nesta edição: *Gilberto Medeiros* - Caê Guimarães
Isabella Muniz - Aline Yasmin - *Stephanie Oliveira*

Seguinte:

Gilberto Medeiros
gilberto_medeiros@yahoo.com.br

“Filme de terror é como esporte radical”

A doce sensação de alívio após o fim de uma cena aterrorizante no cinema – ou mesmo na TV – é o que impulsiona uma indústria que levou ao estrelato os diretores Sam Raimi, que filmou “A Morte do Demônio”, em 1981, com 400 mil dólares, e 16 anos depois, em 2007, teve 250 milhões de dólares para rodar Homem-Aranha 3; e Peter Jackson, que apareceu com Brain Dead, em 1992, e hoje é o chefe da franquia Senhor dos Anéis.

“Consumimos o medo pela emoção sentida em sua relação com a razão. O mesmo processo ocorre quando fazemos esportes radicais ou vamos a uma montanha russa: a emoção se sobrepõe à razão”, revelou Elizeu Batista Borloti, doutor em Psicologia e Analista do Comportamento.

Desde 1995 Borloti é professor adjunto do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento da Universidade Federal do Espírito Santo. Entre suas linhas de pesquisa, os processos comportamentais psicossociais relacionados a identidade, processos de comunicação, gênero, relações familiares e conjugais, relacionamento interpessoal, preconceito, violência, e suas interconexões com contextos culturais.

Por que apreciamos assistir o filmes de terror?

O filme de terror estimula o mecanismo cerebral de luta e fuga, um mecanismo de adaptação diante de ameaça ou perigo. Isto é mais forte nos homens, em especial nos adolescentes. A emoção sentida no

alívio da ameaça é reforçadora. É como desfrutar da descarga de adrenalina e dopamina numa situação segura.

Por que consumimos o medo?

Pela emoção sentida em sua relação com a razão. O mesmo processo ocorre quando fazemos esportes radicais ou vamos a uma montanha-russa: a emoção se sobrepõe à razão. Sabemos que não há perigo, mas sentimos medo e gostamos do prazer do seu alívio. Racionalmente sabemos que não há perigo e vamos apreciar a emoção (que alguns vão nomear como ansiedade ou tensão; outros como expectativa pelo que virá). Quando conseguimos prever a segurança, somos “consumidores” da emoção gerada pelo comportamento, do mesmo modo que alguém pode “consumir” sexo apenas quando sabe que é sexo seguro. Até mesmo os apreciadores de uma montanha-russa pensariam sobre o uso deste entretenimento se a segurança do aparelho fosse questionada.

Outro ponto é a história individual do apreciador do gênero de terror. O medo traduz um processo evolucionário e um processo de aprendizagem de um comportamento aprendido. Isto significa que a cena de terror se conecta à história do apreciador do gênero, e a cena pode ter uma ou mais propriedades que ocorreram na vida real do apreciador. Isto explica porque o impacto “real” de uma cena de terror pode levar até mesmo o apreciador do gênero a fechar os olhos diante dessa cena.

Buscar sentir medo por meio de produtos simbólicos é comportamento do homem moderno, ou também de povos antigos?

Desde o surgimento desta etapa da nossa evolução como espécie humana, nosso cérebro funciona assim e aprendemos nossas emoções desta forma. E a imaginação faz parte deste funcionamento. A arte (no sentido da representação de objetos, acontecimentos ou propriedades de objetos e acontecimentos) reflete nossa espécie como tal. O cinema é um tipo de arte como outras artes: literatura, arquitetura, música, dança... Uma representação de uma situação da vida pode estar na tela do cinema, em uma história escrita, em uma pintura corporal ou em uma nuvem no céu, em um movimento corporal... basta apenas um imaginador (e todos somos pouco ou muito imaginadores). Todos os homens imaginam coisas: “modernos”, “antigos” e futuros.

Não é contraditório, depois de séculos em busca de segurança, sentar numa sala escura, com som alto e com um filme para provocar deliberadamente o medo em nós mesmos?

O que parece ser contraditório é a observação de um processo tão ancestral ser evocado para servir ao consumo de seu principal produto: o prazer de sair ileso de uma situação “sentida” como ameaçadora.



GOVERNO DO ESTADO

JOSÉ RENATO CASAGRANDE
Governador

GIVALDO VIEIRA DA SILVA
Vice-Governador

AMINTHAS LOUREIRO JÚNIOR
Secretário de Gestão e Recursos Humanos

DIO

MIRIAN SCÁRDUA
Diretora Presidente

SAMIRA MASRUHA BORTOLINI KILL
Diretora Administrativa-Financeira
MARCOS JOSÉ DE AGUIAR ALENCAR
Diretor de Produção e Comercialização

SECULT

MAURÍCIO SILVA
Secretário de Estado da Cultura

JOELMA CONSUELO FONSECA E SILVA
Subsecretária de Patrimônio Cultural

CHRISTIANE GIMENES
Gerente de Ação Cultural

Direção Geral

Marcos Alencar

Produção de matérias

Caê Guimarães
Gilberto Medeiros

Revisão

Stephanie Oliveira

Projeto Gráfico

Ivan Alves (MTb-ES 28/80)

Jornalista responsável

Joelson Fernandes (ES 00418 JP)

Este Caderno pode ser acessado
nos sites www.dio.es.gov.br
e www.secult.es.gov.br



CULTURA PRESENTE

Caê Guimarães

caeguimaraes7@gmail.com



Uma justa homenagem para

Sônia Cabral



Caê Guimarães
é jornalista, escritor
e poeta

Filarmônico vem do grego e significa amante da música. Uma aplicação perfeita à vida e obra de Sônia Cabral (1943-2012), pianista, professora titular e diretora da Escola de Música do Espírito Santo, que deu origem à Faculdade de Música (FAMES). Sua vida e obra a credenciam para a justa homenagem feita um ano após sua morte. Ela dará nome ao Palácio da Música, na antiga Assembleia



CULTURA PRESENTE

Legislativa, Cidade Alta, Centro de Vitória. O prédio está em restauro, com previsão de inaugurar no final de 2013.

A história da Orquestra Filarmonica do Espírito Santo (OFES) e a da pianista nascida em Santa Teresa se fundem e confundem. Professora de piano da Escola de Música entre 1969 e 1991, eleita pelos corpos docente e discente como diretora, cargo que exerceu até se aposentar em 1993, ela foi responsável pelo regimento que instituiu o ensino de todos os instrumentos, antes restrito o piano, violino e canto. Em sua gestão foram realizados os primeiros con-

ursos públicos para contratação de professores.

Nos 14 anos em que coordenou a divisão de música erudita, a princípio na Fundação Cultural e, posteriormente, no Departamento Estadual de Cultura – embriões da Secult –, Sônia elaborou o projeto que criou a OFES e abriu um novo mercado de trabalho para os músicos capixabas. Mas sua grande contribuição foi formar o público qualificado que nos dias atuais lota os concertos em todo estado. Durante uma década, ela coordenou o programa Música para Jovens. Nele, alunos da rede estadual de ensino lotavam o Theatro

Carlos Gomes para a audição de concertos didáticos semanais. Os programas eram elaborados e redigidos pessoalmente por ela, em uma dedicação que beirava o sacerdócio. Sônia extrapolou a atuação como professora e gestora. Em diversas ocasiões abrigou músicos convidados em sua casa, levantou patrocínios na classe empresarial e negociou cortesias com companhias aéreas. E manteve a rotina de apresentações da OFES no já citado Carlos Gomes, no Centro Cultural Carmélia M. de Souza e no interior do Estado.

Em 2013, a agenda da orquestra contempla 50 apresentações em



Caê Guimarães

caeguimaraes7@gmail.com

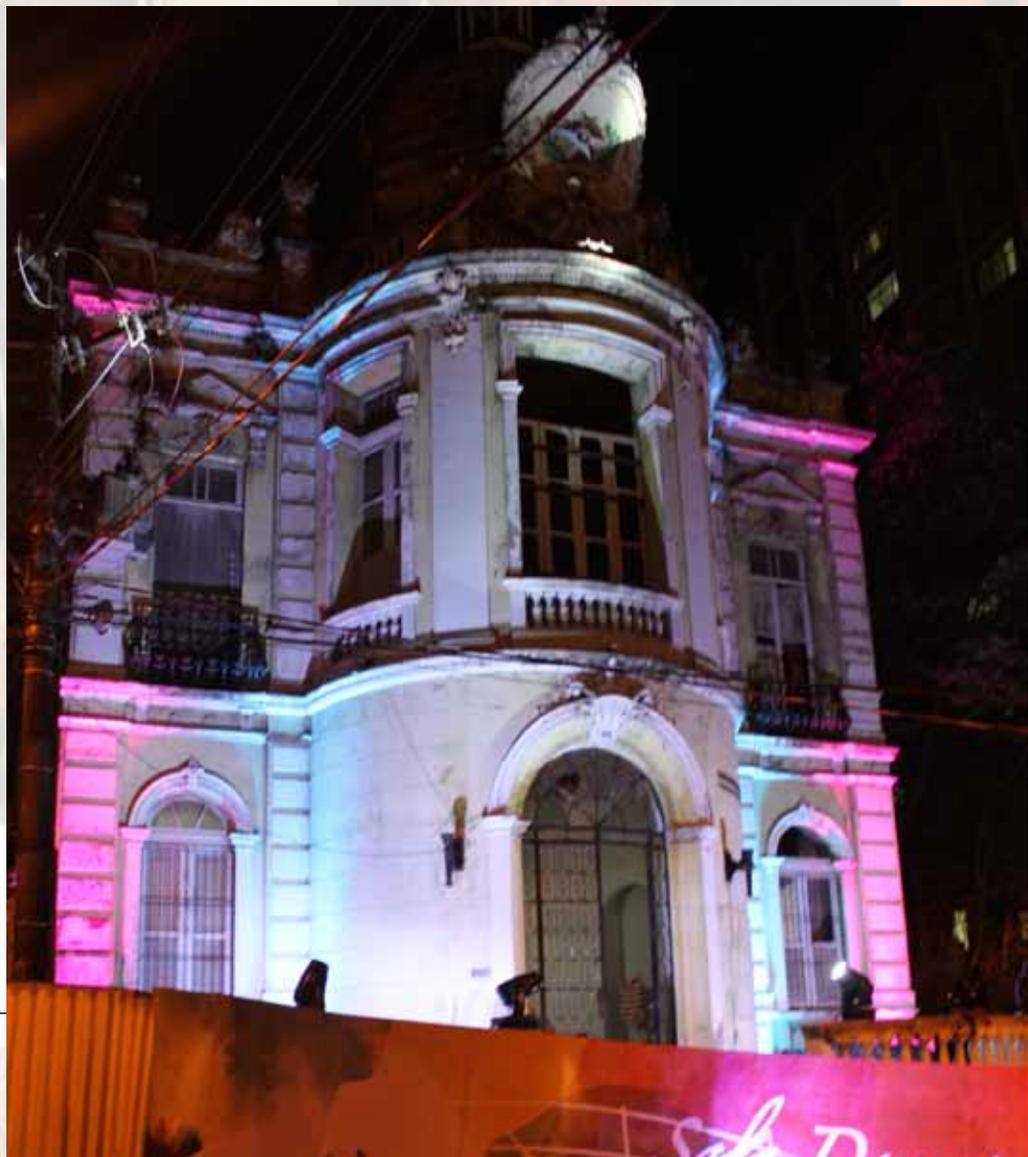
teatros, escolas e espaços públicos. Décadas atrás, a OFES vagava sem sede própria entre a Biblioteca Pública Estadual, o Quartel da Polícia Militar e o próprio Teatro Carlos Gomes. Hoje, está em compasso de espera para ocupar a nova sede. Situado entre os quarteirões mais antigos de Vitória, em um conjunto urbano composto pela Praça João Clímaco, o Palácio Anchieta, o Museu Homero Massena, a Escola Maria Ortiz e a sede da Academia Espírito-Santense de Letras, o prédio é uma das principais expressões estéticas do projeto modernizador da primeira metade do século XX. Projetado por

André Carloni em 1908, o edifício foi erguido durante a administração de Jerônimo Monteiro e inaugurado em 1912.

Trata-se de um marco referencial, lembrando aos homens seu significado histórico e valor urbanístico. Mais do que revelar os esforços então empreendidos para a modernização de Vitória, nos ajuda a entender como as escolhas de intelectuais, da imprensa, da elite local e dos dirigentes políticos num determinado contexto podem ser marcantes para a posteridade. Construções portadoras de tal notoriedade histórica devem ser preservadas e utilizadas apropriadamente

para manter viva a memória coletiva e promover o contínuo exercício de reflexão sobre suas trajetórias.

A estimativa é de que a restauração completa do imóvel seja feita até o final de 2013, quando o Palácio Domingos Martins passará a ser chamado Palácio da Cultura Sônia Cabral. O espaço será adequado para a realização de apresentações musicais e pequenos espetáculos de dança e teatro, e sediará a OFES. A homenageada, tantas vezes aplaudida em apresentações e concertos, certamente aplaudiria de pé esta iniciativa. ■



CAPA

A *beleza* do terr

Acenda as luzes, certifique-se que as portas estão trancadas, pegue a pipoca e prepare-se para um banho de sangue artificial que vai jorrar nas telonas e na sua televisão: está saindo do set Mar Negro, longa-metragem que encerra a premiada trilogia de terror Fábulas Negras, que tem ainda A Noite dos Chupa-cabras e Manguê Negro – este, o primeiro filme do arco de histórias.

Zumbis, monstros e lendas do folclore coabitam ecossistemas capixabas afetados pela poluição nas produções de eco-terror, subgênero adotado por Rodrigo Aragão, cineasta de Perocão, aldeia de pescadores de Guarapari, cidade badalada Brasil afora por conta de suas praias de areias radioativas.

Se os filmes anteriores denunciavam o descaso com o meio ambiente ao mesmo tempo em que estampavam nossas telas com as belezas do manguezal e das montanhas, Mar Negro veio para mostrar que, com a

crecente poluição e exploração de petróleo, o mar não está para peixe. Mesmo.

É que nem a água salgada e nem o iodo foram capazes de segurar a proliferação de monstros como o baiacu-sereia e o zumbi-arraia, que surgem após uma misteriosa mancha negra aparecer. O cineasta faz segredo, mas adianta que o filme traz “o maior monstro do cinema brasileiro”, em suas palavras. De fato, o bichano bate de frente até com a lendária Moby Dick.

A matança começa com o ataque do primeiro monstro do filme, o baiacu-sereia, que morde o pescador vivido pelo ator Markus Konká. Infectado, ele morre e volta como um zumbi que ataca as pessoas para aplacar a fome insaciável por carne humana. Além de se tornarem zumbis e atacarem os banhistas, os peixes-monstro ainda contaminam pescadores e todo aquele que come sua carne.

O terror está no fato de que, se você for morto por um zumbi – voilá!



Gilberto Medeiros
é jornalista e
blogueiro



Gilberto Medeiros
gilberto_medeiros@yahoo.com.br

or

– um morto-vivo você também será.
E a praga vai se alastrando...

Daí em diante, somente quem poderá nos salvar é, mais uma vez, Walderrama dos Santos, ator presente em toda a trilogia. Walderrama encarna o cara comum, com desvios de conduta até, mas que se torna herói diante de situações extremas como o surgimento do chupa-cabras e de zumbis. Desta vez, ele é o garçom Albino, que repete o par com a atriz Kika Oliveira.

A cantora Isidora Fernandez (Mayra Alarcón, esposa de Aragão) abandona os palcos e empunha um facão à caça de zumbis com o amparo de seu guarda-costas, que é interpretado por Oso Tapia, mexicano diretor de cinema que faz uma participação especial no filme do colega brasileiro.

“Mar Negro é nosso filme mais ousado e maior em todas as proporções. Cheguei a ter setenta pessoas no set de filmagem. Foi nossa maior produção, rodado em todo o ano de 2012



CAPA



e com a produção continuando em 2013 e o orçamento chegou a R\$ 250 mil”, considerou o cineasta. O maior investidor é o produtor-executivo Hermann Pidner, mas Aragão comercializa DVDs, camisetas, máscaras de zumbi, canecas e produtos pela internet (www.fabulasnegras.com).

“Tento fazer um cinema bem latino-americano, tropical. Por isso o chupa-cabras, um monstro latino-americano... e uma das características dos meus filmes é criar um ambiente imaginário a partir de ambientes capixabas do manguezal, dos picos de pedras, das florestas e do mar”, desenhrou.

“A beleza do terror está na capacidade dele fazer a emoção transbordar. A pessoa sabe que está num ambiente seguro e mesmo assim sente medo. Acho bonito, me encanta no cinema o poder de ultrapassar a realidade, criar coisas que não existem. Por outro lado, o terror para mim está na pobreza, na violência, corrupção. Isso é o que me assusta”, filosofou.

Mas a verdade de Aragão é que fazer

cinema de terror é divertido e faz parte de sua vida. “Sou apaixonado pelo gênero e não se produz muito no Brasil, né? Mas eu comecei ainda criança, meu pai era mágico e dono do cinema da cidade. Me apaixonei por Guerra nas Estrelas e por filmes de monstros”, recordou sua infância, quando começou a fazer fermentos com mas-

sa de trigo e guardanapo para brincar de monstro. “Vi que isso assustava meus vizinhos, parecia de verdade”.

With a little help from my friends

Acomodado em frente ao maquinário de sua ilha de edição, Rodrigo Aragão revelou que, paralelo ao gla-

Vai para o trono ou não vai?

A carreira de Walderrama dos Santos como ator começou no Programa Sílvio Santos em 2006, quando ele participou, ao lado de Rodrigo Aragão, do quadro “Gente que brilha”. Ele apareceu caracterizado como um personagem do filme “Senhor dos Anéis” para exibir o talento de Aragão como maquiador.

Tum, pou, soc!

Mar Negro vai revelar um outro lado de Kika Oliveira, que desta vez será Indiara, uma mocinha mais arrojada e vai partir para cima dos zumbis. “Foi muito divertido distribuir porrada nos zumbis!”, brincou. “Indiara é a personagem mais madura que já fiz... Tive a oportunidade de experimen-

tar minha primeira cena de nu e isso mexeu bastante comigo”, revelou.

Corta!

Em meio ao arco de histórias macabras, Markus Konká dirigiu o documentário Meninos da Guarani (2010), que retrata a violência urbana na periferia da Serra. Radicado no Espírito Santo desde os anos 1960, Konká participou de produções nacionais como “A queda”, de Ruy Guerra, e “Eu te amo”, de Arnaldo Jabor.

Trio de ouro

Markus Konká, Kika Oliveira e Walderrama dos Santos formam o núcleo principal das tramas da trilogia Fábulas Negras. Já no primeiro da série, Mangue Negro, Kika

Curios

Gilberto Medeiros
gilberto_medeiros@yahoo.com.br



mour, fazer cinema é um trabalho cansativo e que cercou-se de amigos para tocar suas produções. Agora, colhe a satisfação com o amadurecimento de sua equipe e a ampliação de parcerias com realizadores de outros estados e países.

“Recebemos colaboradores de vários estados do Brasil... Santa Ca-

tarina, São Paulo, Rio, Sergipe... e algumas pessoas de fora. Veio um cineasta do México, Agustín “El Oso” Tapia, veio um cineasta de Costa Rica, o Ernesto Valverde, e dois estudantes de cinema, um da Alemanha e um da Nova Zelândia”, comemorou.

Entre os amigos, Fonzo Squizzo é

um dos que participaram dos três filmes. Em Mar Negro interpreta um dono de barco de caráter duvidoso com papel decisivo na trama. Ele relata o misto de alegria e dureza do cotidiano num set de filmagens e resume brincando.

“Depois de umas três semanas varando a noite você realmente incorpora um zumbi. Mas acho que o mais imersivo dos trabalhos foi A Noite do Chupa Cabras, pois ficamos isolados nas montanhas. Mas a gente não briga, a gente se diverte o tempo todo”, contou.

Walderrama dos Santos é um dos mais presentes, pois trabalha com Aragão em sua oficina preparando cenários, modelando monstros e fabricando os mecatrônicos, os zumbis comandados por engenhosos controles construídos por eles a partir de peças de bicicletas. Empunhando mais uma vez sua machadinha, ele interpreta o garçom matador de monstros Albino, mas também é quem dá vida ao baiacu-sereia. 

sidades

foi escolhida musa do Cinema de Bordas. Intérprete dos principais monstros da trilogia, além de herói principal, Walderrama dos Santos é músico (baterista) e luthier em Vila Velha.

Mestres do terror

Ao misturar suspense, terror e uma pitada de comédia, Rodrigo Aragão vem sendo comparado a dois mestres do cinema de terror splatter contemporâneo: os diretores Peter Jackson (foto) - Fome Animal (Brain Dead), Senhor dos Anéis -, e Sam Raimi - A Morte do Demônio, Possessão e Homem-Aranha.



Sangue

Aragão utilizou mais de 1.500 litros de sangue artificial durante as filmagens de Mar Negro. Tudo produzido por ele e sua equipe, que envolveu 70 pessoas. O sangue podre que escorre da boca de zumbis e monstros, por exemplo, é feito de uma deliciosa calda de chocolate para sorvetes.

A maldição está lançada

O consumo do medo por meio de filmes começou com “Le Manoir du Diable”, curta de 1896 dirigido pelo francês Georges Méliès, que contou a história de um cavaleiro atormentado por ilusões após entrar na casa do diabo.

PAISAGEM CULTURAL

Um olhar sobre a paisagem



Isabella Muniz é Dra. em Arquitetura e Urbanismo pela Fac. de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAU/ USP). Trabalha no IJSN.

Ao iniciar meus estudos sobre o município de Anchieta, o que me ocorria, num primeiro momento, era centrar o foco no contexto das redes técnicas que estavam por se instalar, mas não deixando de considerar o contexto de sua evolução histórica, a combinação de variáveis que criou raízes e identidades incorporadas ao espaço da vida cotidiana.

Na medida em que fazia incursões pela vila de Anchieta, por entre suas casas e ruas, lagoas e rios, inúmeras “estórias” eram contadas pelos nativos, e que, gradativamente despertavam um grande interesse por descobrir a importância de uma época. Anchieta guarda peculiaridades que se explicitam à medida que se conhece suas paisagens e os seus segredos. Entre os objetos localmente quali-

ficados, o Santuário Nacional de Anchieta, tombado pelo IPHAN, é um dos mais significativos que faz referência ao período histórico da permanência dos jesuítas.

As Ruínas do Rio Salinas são formadas por um aglomerado de 32 colunas de pedra, cuja origem ainda é um mistério. A baía que circunda a foz do rio Benevente é de extrema beleza paisagística. A vegetação de mangue surge a partir do estuário do rio e avança pelas suas margens em direção ao continente por uma extensão de 6,5 km e ocupa uma área de aproximadamente 7.772 Km².

O manguezal tem sua expressão mais representativa na Estação Ecológica Municipal Papagaio, uma ilha situada às margens do Rio Benevente e representa para a população de Anchieta um pa-



Isabella Muniz
bella.barbosa@uol.com.br

de *Anchieta*

trimônio inestimável, devido à sua posição biogeográfica, servindo de berço às primeiras formas de vida aquática. Existem os sítios arqueológicos da região, e os mais importantes, explorados até agora, localizam-se exatamente no Santuário de Anchieta.

Acrescentam-se ainda, as manifestações culturais que reafirmam as tradições locais associadas às redes e barcos da pesca artesanal e ao artesanato de conchas. Portanto, a ideia de valor, não se atém apenas às pequenas escalas de objetos, mas se amplia para uma dimensão maior, a do sítio, a da cidade. Essas incursões antropológicas ao lugar permitiram ver os vestígios de uma cultura que sofre a influência das redes mundiais de circulação e de consumo, mas que ainda mantém

sua originalidade ou vitalidade.

Essa compreensão nos faz pensar o território de forma ampliada como uma sucessão de substratos, de acúmulo de valores que se sobrepõem e lhe conferem identidade. A memória urbana é a própria cidade, que guarda os traços dos seus processos de permanência e de transformação constante. Impõe-se, portanto, um novo olhar que reconheça o equilíbrio de uma ambiência que se expõe ao risco de desestruturar repentinamente diante de fenômenos globais.

Esse olhar, remete-nos para a sempre presente promessa de um mundo que importa urgentemente (re)descobrir: o sentimento compartilhado por todos aqueles que, em seus depoimentos, ressaltaram a particularidade e a quietude inspiradora da paisagem de Anchieta. ■



MÚSICA

E para que serve mesmo uma experiência

O cenário internacional é uma incógnita para quem participa de projetos no exterior. Que tipo de público e quantas pessoas estarão lá? Quais são as trocas efetivas? Como se dá o intercâmbio? Vários motivos levam um produtor ou um artista a se lançar em territórios estranhos. Outras línguas e novos hábitos serão incorporados a uma rotina que pode durar semanas ou meses. E incorporar seja talvez o mais próximo do que podemos chamar de experiência real de intercâmbio.

Os produtores brasileiros têm a tarefa de buscar novos espaços e investidores internacionais que tenham capacidade de acolher e absorver artistas emergentes sem escritórios promocionais no exterior, que garantam visibilidade e apoios locais para efetivar seus compromissos nas ações programadas. Possuem ainda a função de conduzir a articulação e a realização de custosos eventos unindo as pontas desse processo que fala tantas línguas. Passa por assumir riscos em nome de uma experiência que está muito mais ligada ao que cada um tem e oferece de si mesmo. Falar de vivências específicas é estar aberto a um mundo estranho e sem garantias. Em alguns casos, a expectativa é muito próxima da visão imediatista de inserir-se num palco para multidões, ignorando o mais importante nessa relação, que é a



Aline Yasmin é Gestora Cultural, consultora e poeta

troca cultural. O grande desafio do intercâmbio internacional é o processo que se desencadeia, já que os resultados colhidos são sempre percebidos depois dessa experiência e com a continuidade natural do processo.

Ao pensar no artista como aquele que exercita a potencialidade humana a partir da criatividade em um contato aberto com o mundo, não é difícil imaginar o que é enxergar este mundo não apenas nos aspectos estéticos, mas também na elaboração e superação da própria linguagem. O conhecimento advindo do contato com técnicas, sonoridades, texturas e cores distintas

Aline Yasmin

alineyasmin.es@gmail.com

Artística internacional?



é, no campo objetivo, a maior colaboração para o enriquecimento da produção e da fruição artística. O que era intuição passa a ser capital intelectual, domínio de si próprio no processo criativo. Ter tais elementos como chave para a construção de um trabalho que também se desenrola na troca do olhar com o estrangeiro – brasileiro ou não – é matéria-prima de grande riqueza.

Como justificar artistas que não comungam a mesma língua e técnicas, ignorando aspectos culturais mútuos, mas superaram tais condições e constroem por sinergia resultados esteticamente incontesteáveis? É a invisibilidade de que fa-

lamos anteriormente, intangível e impagável. Desde 2008, tenho visto de perto cada detalhe dessa dinâmica em mais de 300 atividades de internacionalização organizadas em quase 10 países da Europa. Mais de 250 pessoas entre artistas e técnicos do Espírito Santo e de outros estados tiveram a oportunidade de participar, interagir e construir propostas também de forma autônoma em shows, seminários, oficinas, mostras, intervenções, residências artísticas, performances e tantas outras atividades.

Algumas dessas experiências se desdobraram em perspectivas mercadológicas. Desde 2010, capi-

xabas estão produzindo com artistas europeus e de outros estados brasileiros. O diálogo foi aberto entre participantes de territórios distintos, mas que se encontram como semelhantes em território estrangeiro e realizam trocas a partir daí. É preciso ir à profundidade do tema no que tange a uma reflexão da experiência em si. É preciso intensidade para entender que para além da arte, está o humano. E para além dos territórios está o mundo. Arte, homem e mundo. Juntos, coexistem e conjugam o valor da poiesis – princípio fundamental dos saberes e dos fazeres e da cultura nela mesma. ■

ARTESANATO

Homo faber – *es*

“**H**omo faber suae Quisque fortunae”. Em bom português, “todo homem é o artífice do seu destino”. A frase de Ápio Claudios Caecus, político romano construtor do Aqueduto Ápia e da Via Ápia, traduz o que nos diferencia das outras espécies. Para Hannah Arendt e Max Scheler, somos o homo faber, termo latino que significa homem criador, tendo como referência o homo sapiens, ou homem sábio, que determina nossa posição atual na escala evolutiva. Mas essa mesma evolução nos coloca na contemporaneidade em um momento paradoxal. Por um lado, somos detentores da inteligência que nos capacita a criar objetos artificiais e ferramentas para fazer ferramentas. Por outro, estamos cada vez mais afastados da atividade manual, imersos em um caldeirão de consumo imediato que nos leva a abrir embalagens sem sequer supor de onde vieram e como foi fabricado o que elas envolvem.

É na contramão dessa estagnação motora que se movem as mãos de Álvaro Abreu. Engenheiro mecânico, especialista em engenharia de produção, professor universitário, consultor e cronista, ele sempre teve atividades manuais como hobby. Mas após um infarto, em 1995, dedicou mais tempo e atenção ao trabalho como artesão, após uma descoberta acidental no sítio de um amigo. Desde então, ele criou mais de quatro mil colheres de bambu. Suas ferramentas são as mais elementares possíveis, e até cacos de vidro servem ao propósito de

criar as peças exclusivas com que presenteia amigos. O que era um passatempo terapêutico se tornou um trabalho respeitado e exposto em galerias de Vitória, São Paulo e Alemanha. Gerou um livro de fotografias do alemão Hanz Hansen, intitulado Álvaro Abreu Bamboo. E despertou no cachoeirense um olhar crítico sobre o processo fabril, culminado recentemente na recuperação de uma cadeira de balanço, encontrada em março deste ano no topo de uma caçamba de lixo em um bairro nobre de Vitória. O processo de restauração foi registrado em um vídeo postado na internet.

Interessa ao artesão em questão



Caê Guimarães é jornalista, escritor e poeta



Caê Guimarães

caeguimaraes7@gmail.com

cultor do tempo

mais o processo do que o resultado. E fabricar as próprias ferramentas, em um exercício que se torna uma metáfora da existência. As quatro mil colheres feitas por Álvaro Abreu variam em tamanho e forma. Há as mais angulosas e refinadas. Outras são rústicas, retas, minimalistas. Mas nenhuma é igual à outra. E o limite do uso das facas, cinzéis e cacos de vidro vai até o momento em que não há mais nada a retirar da matéria-prima, quando o que era bambu passa a ser, efetivamente, um utensílio artesanal. A velha máxima de Michelangelo, tirar do bloco de pedra tudo que não é escultura para que a forma surja, aplica-se a Álvaro e suas colheres.

O processo de reforma da cadei-

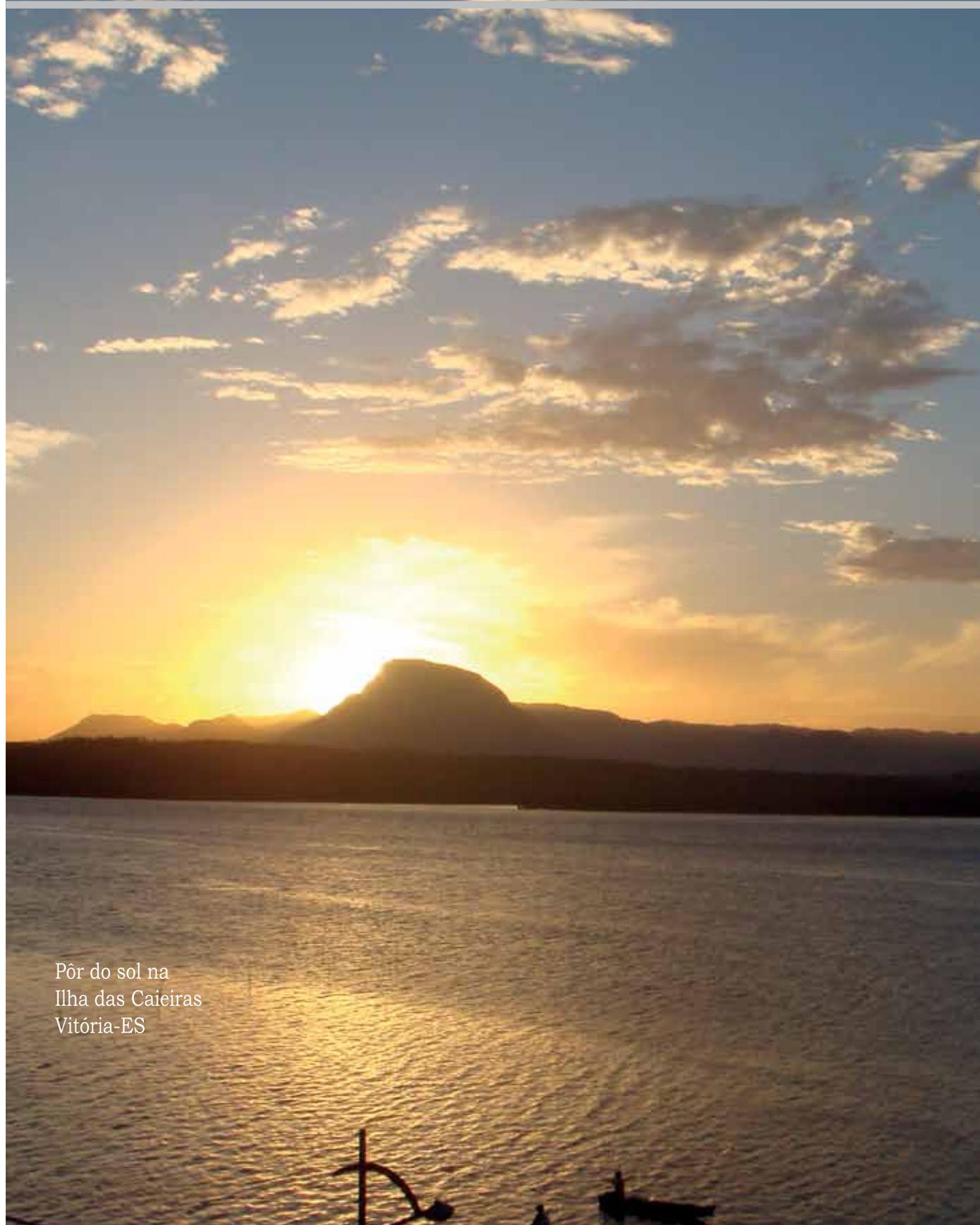
ra de balanço foi oposto. Havia, no caso, algo criado para determinado uso. O trabalho, auxiliado pelo namorado de sua filha e devidamente registrado no vídeo supracitado, começou por uma lavagem com jato d'água, tornando menos deploreável o estado do objeto que se destinaria ao lixo. Faquinhas, lixas grossas e cacos de vidro deram sequência ao primeiro tratamento. Buracos e rachaduras resultantes da ação corrosiva do tempo foram calafetados. Tiras de borracha serviram para montar a cadeira e remarcar os furos dos parafusos. E o polimento final foi dado com cera de carnaúba. Ao final de algumas semanas, o lixo ganhou beleza e funcionalidade. E o processo foi compartilhado nas redes sociais e no YouTube. (<http://www.youtube.com/watch?v=bCX19xadeeg>).

A mesa de trabalho, de onde surgem tantas colheres, e a nova cadeira ficam na sala de estar do fabricante. Para ele, nada mais natural do que estabelecer o local em que reside como local de trabalho. Em tempos plastificados, onde tudo é comprado e descartado com a voracidade de cupins famintos, Álvaro Abreu se dedica a esculpir o tempo, em todas as suas nuances, nós, relevos, ranhuras. E assim, sutilmente rememora sermos, como disse o construtor romano, artefices do nosso destino. 



FOTO

Stephanie Oliveira



Pôr do sol na
Ilha das Caieiras
Vitória-ES

SECRETARIA
DA CULTURA



GOVERNO DO
**ESPIRITO
SANTO**
CRESCER É COM A GENTE